

ROBERT DARNTON

O BEIJO DE LAMOURETTE

Mídia, cultura e revolução

Tradução

Denise Bottmann



Copyright © 1990 by Robert Darnton

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The kiss of Lamourette:
Reflections in cultural history

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Renato Potenza Rodrigues
Adriana Moretto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Darnton, Robert

O beijo de Lamourette : mídia, cultura e revolução / Robert
Darnton ; tradução Denise Bottmann. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2010.

Título original: The kiss of Lamourette: Reflections in
cultural history

Bibliografia

ISBN 978-85-359-1708-6

1. Civilização moderna — Século 20 2. França — História —
Revolução, 1789-1799 — Influência 3. Livros e leitura 1. Título.

10-06105

CDD-944.04

Índice para catálogo sistemático:

1. França : Revolução : 1789-1799 : História 994.04

2010

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

Introdução 9

PARTE I — TENDÊNCIAS NOS ACONTECIMENTOS

1. O beijo de Lamourette 22
2. Que a Polônia seja a Polônia 40

PARTE II — MEIOS DE COMUNICAÇÃO

3. Cinema: Danton e o duplo sentido 54
4. Televisão: uma carta aberta a um produtor de TV 69
5. Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica 76
6. Publicação: uma estratégia de sobrevivência para autores acadêmicos 110

PARTE III — A PALAVRA IMPRESSA

7. O que é a história dos livros? 122
8. Os intermediários esquecidos da literatura 150
9. Primeiros passos para uma história da leitura 168

PARTE IV — COMO ANDAM AS COISAS

10. História intelectual e cultural 204
11. A história social das ideias 232
12. A história das mentalidades: o caso do olho errante 265

PARTE V — BONS VIZINHOS

- 13. História e sociologia do conhecimento 306
- 14. História e literatura 320
- 15. História e antropologia 338

Notas e referências 363

Sobre o autor 395

Parte I

TENDÊNCIAS NOS ACONTECIMENTOS

1. O BEIJO DE LAMOURETTE

O QUE HAVIA DE TÃO REVOLUCIONÁRIO na Revolução Francesa? A pergunta pode parecer deslocada neste momento, quando o mundo inteiro está se congratulando com a França pelo ducentésimo aniversário da tomada da Bastilha, da destruição do feudalismo e da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Mas a agitação do bicentenário pouco tem a ver com o que realmente aconteceu dois séculos atrás.

Os historiadores vêm salientando há muito tempo que a Bastilha estava quase vazia em 14 de julho de 1789. Muitos deles afirmam que o feudalismo já deixara de existir na época em que foi abolido, e poucos negariam que os direitos do homem submergiram durante o Terror, apenas cinco anos depois de terem sido proclamados pela primeira vez. Será que uma abordagem serena da Revolução há de mostrar tão somente uma violência descabida e declarações ocas — nada mais que um “mito”, para empregar um termo dileto do falecido Alfred Cobban, um céptico historiador inglês que não tinha o menor interesse por guilhotinas e *slogans*?

Pode-se replicar que os mitos são capazes de mover montanhas. Eles podem adquirir uma realidade firme, tão sólida quanto a torre Eiffel, construída pelos franceses para comemorar o primeiro centenário da Revolução em 1889. A França vai gastar milhões em 1989, erguendo edifícios, criando centros, gerando expressões contemporâneas concretas da força que se inflamou livremente pelo mundo há duzentos anos. Mas o que era ela?

Embora seja igualmente difícil assentar o espírito de 1789 tanto em palavras quanto em tijolos e argamassa, é possível caracterizá-lo como uma energia — uma vontade de construir um mundo novo a partir dos escombros do regime que desmo-

ronou no verão de 1789. Essa energia atravessou tudo durante a Revolução Francesa. Transformou a vida, não só para os ativistas tentando canalizá-la para os rumos por eles escolhidos, mas também para as pessoas comuns ocupadas em seus afazeres diários.

À primeira vista, é bastante fácil aceitar abstratamente a ideia de uma transformação fundamental no conteúdo da vida cotidiana, mas poucos de nós conseguem realmente entendê-la. Aceitamos o mundo tal como ele se apresenta, e não conseguimos imaginá-lo organizado de uma outra maneira, a menos que tenhamos passado por momentos de desmoronamento das coisas — talvez uma morte ou um divórcio, ou o súbito desaparecimento de algo que parecia imutável, como o teto sobre nossas cabeças ou o chão sob nossos pés.

É frequente que tais choques desestabilizem as vidas pessoais, mas raramente eles traumatizam sociedades inteiras. Em 1789, os franceses tiveram de encarar a derrocada de toda uma ordem social — o mundo que, retrospectivamente, definiram como *Ancien Régime* — e encontrar uma nova ordem no caos circundante. Viveram a realidade como algo passível de destruição e reconstrução, e depararam com possibilidades aparentemente ilimitadas, tanto para o bem como para o mal, para edificar uma utopia ou para recair na tirania.

É claro que a sociedade francesa já havia sido convulsiona-
da, anteriormente, por algumas comoções sísmicas — a peste bubônica no século XIV, por exemplo, e as guerras religiosas no século XVI. Mas ninguém estava preparado para uma revolução em 1789. A própria ideia nem sequer existia. Se vocês procurarem a palavra *revolução* nos dicionários correntes do século XVIII, vão encontrar definições derivadas do verbo *revolver*, tal como a volta de um planeta ou uma estrela ao mesmo ponto de partida.

Os franceses não possuíam um grande vocabulário político antes de 1789, pois a política se passava em Versalhes, no mundo distante da corte real. Quando as pessoas do povo começaram a participar da política — nas eleições para os Estados-Gerais,

baseadas em algo semelhante ao voto masculino universal, e nas insurreições de rua —, precisaram encontrar palavras para o que tinham visto e feito. Desenvolveram novas categorias básicas, como “esquerda” e “direita” que derivam da disposição dos lugares na Assembleia Nacional, e a própria “revolução”. Primeiro veio a experiência, e depois o conceito. Mas o que foi essa experiência?

Apenas uma pequena minoria de ativistas era filiada aos clubes jacobinos, mas todos foram atingidos pela Revolução, pois a Revolução atingiu todas as coisas. Ela recriou, por exemplo, o tempo e o espaço. Pelo calendário revolucionário adotado em 1793 e utilizado até 1805, o tempo começava na data em que terminava a velha monarquia: 22 de setembro de 1792, primeiro Vendémiaire, Ano I.

Com a aprovação formal da Convenção, os revolucionários dividiram o tempo em unidades que lhes pareciam racionais e naturais. Eram dez dias por semana, três semanas por mês e doze meses por ano. Os cinco dias restantes viraram feriados patrióticos, *jours sans-culottides*, consagrados a qualidades cívicas: a Virtude, o Caráter, o Trabalho, a Opinião e a Recompensa.

Os dias comuns receberam nomes novos, que sugeriam uma regularidade matemática: *primidi*, *duodi*, *tridi*, e assim por diante até *décadi*. Cada um deles era dedicado a um aspecto da vida rural, de modo que a agronomia viesse a substituir os santos do calendário cristão. Assim, o dia 22 de novembro, antes dedicado a santa Cecília, tornou-se o dia do nabo; 25 de novembro, antes dia de santa Catarina, virou o dia do porco; 30 de novembro, que era o dia de santo André, passou a ser o dia da picareta. Da mesma forma, com os nomes dos novos meses, o tempo parecia se adequar ao ritmo natural das estações. O dia 1º de janeiro de 1989, por exemplo, seria 12 Nivôse, Ano 197, sendo Nivôse o mês da neve, após os meses de neblina (Brumaire) e frio (Frimaire), e antes dos meses de chuva (Pluviôse) e vento (Ventôse).

A adoção do sistema métrico também representava uma tentativa de impor uma organização racional e natural ao espa-

ço. Por um decreto de 1795, o metro seria “a unidade de comprimento equivalente a um décimo-milionésimo do arco do meridiano terrestre entre o polo norte e o equador”. Evidentemente, os cidadãos comuns não iriam dar muita importância a essa definição. Eles demoraram a adotar o metro e o grama, a nova unidade respectiva de peso, e poucos preferiam a nova semana, que lhes reservava apenas um dia de descanso entre dez, ao invés de um dia em cada sete. Mas, mesmo com a permanência dos velhos costumes, os revolucionários imprimiram suas ideias na consciência da época, ao mudarem os nomes de todas as coisas.

Em Paris, 1400 ruas receberam nomes novos, pois os antigos continham alguma referência a um rei, a uma rainha ou a um santo. A Place Louis XV, onde ocorreram as execuções mais espetaculares na guilhotina, tornou-se Place de la Révolution; mais tarde, numa tentativa de conciliar os ânimos, ela recebeu seu nome atual, Place de la Concorde. A igreja de Saint-Laurent passou a ser o templo do Casamento e da Fidelidade, Notre Dame virou o templo da Razão, Montmartre se tornou Mont Marat. Trinta cidades tomaram o nome de Marat: trinta entre as 6 mil que tentavam apagar o passado mudando de nome. Montmorency virou Émile, Saint-Malo se tornou Victoire Montagnarde, e Coulanges virou Cou Sans Culottes (pois *anges* — anjos — era sinal de superstição).

Os revolucionários chegavam a trocar seus próprios nomes. É claro que em 1793 e 1794 não dava para se chamar Louis. Os Louis se apresentavam como Brutus ou Spartacus. Sobrenomes como Le Roy ou Lévêque, muito usuais na França, eram mudados para La Loi ou Liberté. As crianças portavam todos os tipos de nomes impingidos a elas — alguns inspirados na natureza (Pissenlit — Dente de Leão — caía muito bem para as meninas, e Rhubarb — Ruibarbo — para os meninos), e outros nos fatos da atualidade (Fructidor, Constitution, Dez de Agosto, Marat-Couthon-Pique). O ministro das Relações Exteriores, Pierre-Henri Lebrun, deu à filha o nome de Civilisation-Jémappes-République.